

“QUEIRA DEIXAR SEU RECADO”

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i26p121-124>

Luana Chnaiderman de Almeida¹

Neta de Boris Schnaiderman

Um dia eu era criança e perguntei ao meu avô: vô, por que você foi para a guerra? E ele me respondeu: porque não havia como não ir.

Depois soube que, aos motivos grandes e ideais, juntam-se, na vida, os motivos particulares, biográficos, uma identidade a ser construída, a saída de casa, questões com pais e mães, questões internas e íntimas que somente quem as vive sabe quais são.

Mas ficam também os ideais. E no meu avô, sempre, havia essa dupla face.

Quando houve uma guerra, meu avô se alistou. Quando houve uma invasão da sua sala de aula por policiais armados, meu avô protestou.

Quando lia um livro do qual gostava muito, meu avô escrevia para o autor, ou depois ligava, contando que havia lido e gostado. E quando não gostava tanto, falava também.

Quando cruzava uma pessoa, meu avô falava bom dia boa tarde com licença. E quando andava ao meu lado pela rua sempre ficava à minha direita, protegendo-me dos carros que passavam, num gesto antigo de gentileza do qual eu, com todo meu feminismo e autossuficiência, sempre gostei.

Quando ligavam querendo uma conversa, uma ajuda, meu avô convidava para um chá, e conversava e escutava o que o outro tinha para dizer, curioso e contente.

Quando entardecia, e a noite vinha, meu avô sentava-se para o chá e era a hora da conversa com a Jerusa, com os amigos, a família que vinha, e que bom era tomar um chá e comer bolachas com meu avô.

Meu avô contava muitas histórias de literatura, escritores e escritoras e me contou uma vez da Ligia Fagundes Telles que estava “toda vaporosa” na ocasião em que o apresentou ao Drummond. E eu agora procuro mulheres todas vaporosas, a todo instante, mas elas não são tantas assim. Contou das cartas que trocou com o Dalton Trevisan e o Ruben Fonseca,

¹ Luana Chnaiderman de Almeida é escritora. Publicou *Contos de Moçambique, Fuga, Minhocas, e Orelhas*.

dos amigos russos, do Murilo Mendes, das aventuras que viveu com o Cortázar.

Quando estive internado por muitas semanas em quarto de hospital chique, meu avô reclamou do tamanho do quarto. Quantas pessoas poderiam estar aqui, mas é um absurdo isso.

E quando lia o jornal se entristecia com as notícias. E quando lembrava da guerra ficava sem dormir. E tinha pesadelos.

(Meu avô não conversava muito comigo sobre os acontecimentos da guerra.)

Lia o jornal inteiro, todos os dias.

Quando eu o encontrava para almoçarmos, meio-dia às terças feiras, meu avô estava sentado à mesa de trabalho, os dedos sobre a máquina de escrever, ou o grande caderno universitário espiralado aberto, a caneta em punho, fichando os livros que lia.

Quando eu tinha um trabalho de escola, ia à casa do meu avô e explorava as duas edições da Enciclopédia Britânica que habitavam aquela casa. E meu avô explicava as diferenças dos estilos dos verbetes, de uma e outra. E fiquei orgulhosa quando tinha treze anos e a Jerusa me elogiou, que eu enfrentava os verbetes em espanhol e os alunos da faculdade reclamavam tanto.

Quando estava no hospital, de onde não saiu, e acordou depois de uma noite passada em meio à emergência, começou a me contar, animado e em voz alta (muito alta, vô, tem outros pacientes aqui do lado) dos três livros que ainda escreveria. E em nossas conversas ainda houve mais uma ideia, e outra e outra, aninhado sob as mãos cuidados e olhos da Jerusa.

Os olhos azuis e alegres do meu avô, que se abriam à chegada da Jerusa colorida e linda em qualquer lugar.

Quando eu ia almoçar na casa do meu avô, meio dia, às terças feiras, a gente sentava no sofá e ele me perguntava: o que você anda lendo com seus alunos? E eu respondia, por exemplo, Sherlock Holmes, e ele me dizia: muito bem. E eu ficava contente.

Quando meu avô ficava contente, repetia muito bem três vezes. E sorria. O sorriso lindo e um pouco envergonhado do meu avô.

Quando não havia o que falar, meu avô se calava.

Os silêncios do meu avô podiam durar muito tempo.

Quando o telefone tocava o meu avô corria para atender e a gente ficava impressionado com a força e rapidez dos movimentos do meu avô.

Então, em meio ao almoço, o vô comentava: eu fiz operações, mas mantenho um apetite voraz. E servia-se, feliz, de arroz e feijão.

Quando me achava bonita e bem meu avô falava, como você está bonita, muito bem (três vezes). Quando emprestava um livro, meu avô ficava aflito para que eu o devolvesse e quando eu devolvia ele agradecia

contente e ia logo colocar o livro na estante, no lugar correto, em ordenação precisa da qual somente ele sabia e com a qual se preocupava tanto.

E na secretária eletrônica, o meu avô pedia assim: “queira deixar o seu recado.” E eu achava engraçado e estranho, esse imperativo sobre o nosso querer.

Quando meu avô e a Jerusa mudaram de casa, ele passou longos meses arrumando os livros e eu gostava de vê-los em ordem, adivinhando as seções, literatura brasileira, russa, semiótica, história. E quando eu era criança imaginava o dia em que os livros tomariam todos os espaços domésticos e meu avô e a Jerusa teriam que se mudar para que os livros pudessem morar em paz.

Quando ia fazer noventa e nove anos meu avô comentava assim: puxa, eu vou fazer noventa e nove anos. Quem diria. E me contava, animado: sabia que eu vou fazer noventa e nove anos? Puxa. Quem diria.

Quando saía uma nova edição de uma tradução, eu perguntava: vô, não vai ter lançamento? E ele dizia não, porque o autor não está presente. E a gente dava risada. O meu avô gostava de dar risada. Gostou de ouvir as marchinhas de Carnaval reaparecendo, gostava de ir ao cinema e quando eu era criança meu avô me levou a uma exposição de arte do Joseph Beuys e eu fiquei dias impressionada com aquele artista que se cobria de gordura.

Quando eu tinha onze anos não tirava uma camiseta que dizia antes morrer de vodca que morrer de tédio. Maiakóvski.” E para mim Sputnik não era a nave espacial, mas a vodca que meu avô guardava no congelador. E tomávamos um copo em brinde. E eu me sentia muito russa. E o Maiakovski era um homem lindo e interessante, que era poeta e colava cartazes. E a Lilya Brik, no quadro da casa do meu avô, tinha olhos negros de bruxa.

Quando meu avô conversava em russo pelo telefone. E a voz do meu avô ganhava uma energia e força distintas do brasileiro. Uma língua distante e tão próxima.

Quando meu avô lia um poema em russo parecia um tropel de cavalos.

E quando eu escrevi uma das inúmeras versões do meu livro de contos, meu avô leu e ligou marcando uma conversa em outro horário, que não terça ao meio dia, e eu fui e estava nervosa e meu avô falou que havia lido o livro e havia ali um conto muito bom, digno de antologia, que ia ficar por muito tempo ainda, mas que os outros não se sabia quando terminavam quando começavam e que estava tudo muito confuso. E eu reescrevi o livro inteiro.

E o orgulho, de apresentar o Leo, meu companheiro, ao meu avô. E apresentar o meu avô ao Leo. Muito bem. Três vezes. E de vez em quando

eu esquecia, atrasava ou não ia ao nosso almoço, e meu avô ficava nervoso e triste.

Quando li os contos de Tchekhov com meus alunos do terceiro colegial, meu avô veio conversar com a turma. Veio a pé, com sua boina e sua camisa azul elegante. E se divertiu com as perguntas e mudou uma tradução por causa de uma delas. E seus alunos gostaram dos contos, Luana? Sim, vô, muito, mas uma ficou muito impressionada com aquele em que o cachorro grande come os filhotinhos da gata. E meu avô ria, contente.

Quando eu contei para ele que havia plantado uma laranjeira no sítio e ele comentou que bom, adoro laranjas. E eu sorri, pois, quantos anos até a primeira laranja? Mas meu avô esperava. E ia viver para sempre.

Quando eu lembro do meu avô, eu fico feliz.
Porque não há como não ficar.